

Difícil acertar a ^{Est}dívida neste ano

GAZETA MERCANTIL

10 NOV 1986

por Paulo Sotero
de Washington

São cada dia mais remotas as chances de o governo brasileiro vir a definir os contornos da negociação da dívida externa ainda neste ano. Uma fonte bem situada e familiarizada com a liturgia da renegociação da dívida indicou a este jornal que ainda há tempo para recolocar em movimento as conversas com os credores oficiais, representados pelo Clube de Paris.

Em relação à renegociação da dívida com os bancos comerciais, "muito pouco poderá ser feito antes de 31 de dezembro", disse a fonte. "No máximo, haverá uma apresentação preliminar dos objetivos do Brasil na renegociação."

Na verdade, mesmo na área do Clube de Paris, o tempo disponível para um acerto é apertado. A diretoria do Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá discutir o relatório da missão de consulta anual sobre o Brasil somente na segunda semana de dezembro, provavelmente no dia 10. A esperança do governo brasileiro entre essa data e o início das férias de Natal, que neste ano deve começar no dia 20 de dezembro, é que o diretor-gerente do FMI produza uma declara-

ção capaz de convencer os credores oficiais do País a negociar. Para reforçar a declaração de De Larosière, Brasília já deu sinais de que está disposta a estudar um esquema de acompanhamento da economia brasileira envolvendo duas consultas anuais com o FMI — a regular, prevista nos estatutos do organismo, e uma extra, a ser realizada em Washington.

Essa idéia foi, originalmente, proposta por Paul Volcker, presidente do Federal Reserve Bank, o banco central norte-americano, e rejeitada pelo governo brasileiro. Duas semanas atrás, uma fonte do governo brasileiro disse a este jornal que o País está estudando a possibilidade de propor um esquema de acompanhamento da economia pelo FMI nas mesmas linhas do que Volcker havia sugerido.

Reforçando esses sinais de flexibilidade, acredita-se, nos meios financeiros e oficiais nos EUA, que o pacote de medidas corretivas do Plano Cruzado, que o presidente José Sarney deve anunciar (ver matéria ao lado), criará o ambiente propício para uma declaração positiva de De Larosière.

Como De Larosière está de partida, há, contudo, sé-

rias dúvidas de que suas declarações venham a ter o mesmo impacto que tiveram no passado. "Os credores oficiais provavelmente preferirão esperar pela palavra do sucessor de De Larosière antes de fechar negócio com o governo brasileiro", comentou um funcionário americano. "Quem já esperou um ano e meio, pode esperar mais quinze dias."

Os bancos internacionais, que no mês passado concordaram em conceder um pacote de dinheiro novo ao México, precisam, ainda, de mais US\$ 1 bilhão. Os bancos japoneses já aderiram em bloco, mas os franceses estão resistindo a participar da operação, assim como alguns bancos latino-americanos — entre eles vários brasileiros.

A parcela que cabe aos dez bancos brasileiros no pacote, do México, é de US\$ 80 milhões. O Banco Real ainda mantém a "maior exposure" naquele país. A parte que lhe cabe no pacote mexicano é de US\$ 35 milhões. O Banco do Brasil vem em segundo lugar com US\$ 20 milhões aproximadamente e o Banespa, em seguida, com US\$ 10 milhões.

(Ver página 2)